

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ABORDANDO AS POSSIBILIDADES COM AS TDIC NA FORMAÇÃO

REFLECTIONS ON TEACHING INTERNSHIP IN HIGHER EDUCATION IN PHYSICAL EDUCATION TEACHER EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT ADDRESSING THE POSSIBILITIES OF DIGITAL INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN TEACHER TRAINING

Rodolfo Semeone Alves Correia¹

Cristiano Mezzaroba²

RESUMO: O presente trabalho configura-se como um relato de experiência desenvolvido no âmbito do estágio docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e promovido na disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física (EF)”, componente curricular obrigatório no curso de graduação em EF. A proposta da experiência pedagógica tem como objetivo avaliar o processo de construção midiática (curtas-metragens) levando em consideração os fenômenos sócio-culturais que perpassam na esfera da saúde e como esta temática transversal se relaciona no campo da EF. O percurso metodológico foi construído a partir da elaboração de relato de experiência (Mussi; Flores; Almeida, 2021), e dos pressupostos da mídia-educação (Belloni, 2005; Fantin, 2006). Dentro do planejamento curricular, houve a participação de convidados(as), exibição de documentários, além de reuniões síncronas via *Google Meet*. Por fim, após o processo avaliativo, constatou-se que os alunos expressaram compreensão analítica considerável ao tratar sobre a saúde, a sociedade e os meios de comunicação.

1

Palavras-chave: Educação Física. Sociedade. Saúde. Mídia-educação.

ABSTRACT: This paper is configured as an experience report developed within the scope of the teaching internship of the Graduate Program in Education (PPGED) at the Federal University of Sergipe (UFS), carried out in the course Health, Society, and Physical Education (PE), a mandatory curricular component of the undergraduate Physical Education program. The pedagogical experience aimed to evaluate the process of media production (short films), taking into account the sociocultural phenomena that permeate the field of health and how this transversal theme relates to Physical Education. The methodological pathway was constructed based on the development of an experience report (Mussi; Flores; Almeida, 2021) and on the assumptions of media education (Belloni, 2005; Fantin, 2006). Within the curricular planning, there was the participation of guest speakers, the screening of documentaries, as well as synchronous meetings held via Google Meet. Finally, after the evaluative process, it was observed that students demonstrated considerable analytical understanding when addressing health, society, and the media.

Keywords: Physical Education. Society. Health. Media Education.

¹Mestrando em Educação (PPGED/UFS),Universidade Federal de Sergipe.

²Pós-Doutor em Sociologia (UNSAM/Argentina) e Doutor em Educação (UFSC) Professor do Departamento de Educação Física na Universidade Federal de Sergipe (DEF/CCBS/UFS) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS).

I. INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa a seguir consiste em um relato de experiência atrelado à disciplina de estágio docente no âmbito de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em que o professor-pesquisador é inserido dentro do *locus* de trabalho a fim de adquirir experiências para seu exercício magisterial.

À luz do preceito de Pimenta (1995), o estágio docente constitui um componente essencial do currículo, que não se limita a uma disciplina formal, mas se configura como uma atividade formativa. Essa atividade possibilita a inserção dos(as) licenciandos(as) nas instituições escolares, favorecendo o conhecimento sobre como o processo de ensino se desenvolve na prática. Mais do que uma exigência curricular, o estágio docente é compreendido como uma atividade teórica e instrumentalizadora da práxis educativa, na medida em que articula teoria e prática e contribui para a formação crítica e transformadora do(a) futuro(a) professor(a), orientando-o(a) à compreensão e à transformação da realidade educacional existente.

Para tal, o estágio docência aconteceu no componente curricular “Saúde, Sociedade e Educação Física”, disciplina cuja tutela pertence ao Departamento de Educação Física (DEF). Para compreender o surgimento dessa disciplina e a utilização do pressuposto é necessário destinar o processo de separação do curso anteriormente mencionado (bacharelado e licenciatura).

Outrora, no âmbito da formação em Educação Física, existia apenas a chamada “licenciatura plena”, a qual habilitava os egressos a atuar em diferentes campos de intervenção profissional. Esse entendimento partiu da Resolução nº 3 de 1987 do Conselho Nacional de Educação³ (CNE). Nesse contexto, os profissionais de Educação Física atuavam em diferentes espaços, sem distinção formal entre os âmbitos escolar e não escolar. Tal diferenciação consolidou-se apenas posteriormente, com a divisão da formação em licenciatura e bacharelado, vinculando a licenciatura ao campo pedagógico-escolar e o bacharelado aos espaços não escolares (academias, clubes, hospitais, dispositivos do SUS, etc.), voltados aos conhecimentos técnicos do movimento humano.

Com a aprovação da Resolução CNE/CES nº 7/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em EF, inaugurou-se um novo marco normativo que

³Informação coletada no sítio eletrônico: <https://www.crefsp.gov.br/portal-da-transparencia/legislacao/leis/resolucao-cfe-no-3,-de-16-de-junho-de-1987>. Acesso em: 04 jan. 2026.

exigiu adaptações curriculares nas Instituições de Ensino Superior (IES), ampliando a liberdade para enfatizar diferentes eixos formativos, como a dimensão educacional ou a racionalização do movimento. Essa assimetria repercute diretamente na organização dos cursos e integra um movimento mais amplo de reorganização da área, no qual, segundo Silva *et al.* (2025, p. 3-4), “[...] as IES se viram na necessidade de reestruturar seus currículos para uma graduação que permitia a separação entre os cursos e confundia qualquer tentativa de uma formação plena e generalista.” Nesse contexto, as diferentes modalidades passaram a aprofundar certos campos de conhecimento e a delimitar outros, como o da saúde, frequentemente reduzido ao discurso hegemônico da ausência de doença, amplamente difundido e reforçado pelas narrativas midiáticas sobre o corpo e o cuidado com a saúde.

Diante de tal contextualização, o presente estudo tem como objetivo relatar, refletir e avaliar o processo de construção midiática (curtas-metragens realizadas como tarefa avaliativa no interior da disciplina) levando em consideração os fenômenos sócio-culturais que perpassam na esfera da saúde e como esta temática transversal se relaciona no campo da EF. Trata-se de uma pesquisa de viés qualitativo (Goldenberg, 2004) e do tipo relato de experiência (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A ementa da disciplina propõe a análise crítica da determinação social do processo saúde-doença, a compreensão do conceito ampliado de saúde e a aproximação do(a) licenciando(a) com as ciências humanas e sociais no campo da EF escolar. O conteúdo foi organizado em quatro unidades: a primeira abordou os fundamentos históricos e teóricos da relação entre corpo, saúde e EF, com ênfase na Saúde Coletiva; a segunda discutiu a promoção da saúde na EF escolar, considerando possibilidades e limites; e a terceira tratou das teorias pedagógicas da área e do movimento da “Saúde Renovada”, articulando a produção de conhecimento com a Saúde Pública e Coletiva brasileiras. Por fim, a última unidade buscou demonstrar possibilidades didático-pedagógicas da saúde como tema transversal, considerando o educar pela pesquisa, a mídia-educação e temas como juventude, estética, moda e mídia, culminando na produção e análise de vídeos, vinculados aos seminários, cujas temáticas fazem referência à 6 (seis) obras⁴ de cunho crítico e reflexivo.

⁴ Foram elas: 1) Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva, de Madel T. Luz; 2) O “mito” da atividade física e saúde, de Yara M. de Carvalho; 3) Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais, ambas publicações do Ministério da Educação – Brasil; 4) Corpo e saúde: reflexões sobre o quadro “Medida Certa”, dissertação de Hudson Bezerra; 5) O SUS – Sistema Único de Saúde, de Jairnilson Silva Paim, também abordando quanto às práticas corporais; e, 6) Exercício da Informação, de Alex Branco Fraga.

O planejamento didático privilegiou aulas expositivo-dialogadas, leituras orientadas, seminários, debates, estudos dirigidos e produções teórico-práticas, valorizando o envolvimento, a participação ativa dos alunos e alunas e a construção coletiva do conhecimento. Foram utilizados recursos como textos acadêmicos, documentários⁵ e a participação de convidados⁶ com atuação nas áreas de saúde e EF, de modo a promover uma compreensão integrada e crítica da temática.

A avaliação do processo de aprendizagem foi de caráter diagnóstico e processual, observando o envolvimento, a fundamentação teórica, a coerência argumentativa e a responsabilidade nas atividades propostas. As avaliações incluíram: 1) Entrevistas com professores de EF sobre a presença e os limites da temática saúde nas aulas; 2) Construção e apresentação da produção audiovisual, obedecendo as especificações do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no que tange a Sala de Imagem (SIM); e, 3) Prova escrita individual com base nas aulas, seminários e documentários presentes nas atividades Sessão Cinema & Saúde. A estrutura da prova contabilizou 19 (dezenove) questões: 12 (doze) questões objetivas; 6 (seis) questões mistas, em que cada aluno(a) deveria selecionar a alternativa correta de 5 (cinco) questões objetivas e somente responder 1 (uma) questão subjetiva referente ao seminário que apresentou; e 1 (uma) questão dissertativa sobre os documentários assistidos.

4

O relato de experiência deteve-se na descrição e análise do segundo processo avaliativo, etapa que os(as) alunos(as) precisaram se organizar para leitura das obras, devidamente expostas na seção de e, posteriormente, participar das reuniões síncronas via Google Meet coordenadas pelo estágio docente para introduzir os discentes às proposições da unidade, assim como acompanhar o processo de aprendizado e responder eventuais dúvidas.

Na sequência, abordamos, de maneira conceitual e contextual, os aspectos da mídia-educação, e, em seguida, o caminho percorrido metodologicamente, com os resultados obtidos a partir das análises dos produtos audiovisuais aparecendo na sequência.

2. A MÍDIA-EDUCAÇÃO COMO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL E METODOLÓGICA

A mídia-educação, conforme (Fantin, 2006), parte do reconhecimento do papel central das mídias na organização dos sentidos culturais contemporâneos, uma vez que, atuam como

⁵ Os documentários seguiram a seguinte sequência: 1) Políticas de Saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde; 2) SUS tem cura; 3) Super Size Me – A dieta do palhaço; 4) Doutores da Alegria; e 5) Bigger, Stronger, Faster.

⁶ A participação dos convidados contou com a presença do Prof. Dr. Dagoberto de Oliveira Machado, do Prof. Dr. Everton de Almeida Nunes, do Prof. Ms. Jadisson Góis da Silva, do Prof. Ms. Felipe do Carmo, e da Profa. Ms. Flávia Cristina dos Santos Matos.

mediadoras entre os sujeitos e a cultura, influenciando a forma como o mundo é narrado, percebido e interpretado. Compreendida como um campo de diálogo entre educação, comunicação e cultura, a mídia-educação demanda o redimensionamento do papel da escola diante da centralidade das mídias na formação dos sujeitos, na medida em que educar para as mídias constitui também uma prática de formação cidadã, ao possibilitar a leitura crítica dos discursos e representações que estruturam o mundo contemporâneo.

[...] educar para a cidadania envolve: educação inclusiva e baseada no reconhecimento dos direitos universais; aspectos formais e jurídicos da cidadania aos direitos sociais e culturais; educação escolar com trabalho transversal entre as disciplinas, considerando o currículo explícito e implícito; educação que coopere com associacionismo e vise à solidariedade (Fantin, 2006, p. 39)

A educação para a cidadania significa, nas palavras de Belloni (2005, p. 47), “[...] resgatar os ideais de democratização do conhecimento e da informação como instrumento de emancipação, isto implica acreditar na emancipação sem absolutizar o progresso”. Portanto, educar na formação cidadã é formar sujeitos críticos e emancipados, capazes de participar ativamente da sociedade e de questionar as desigualdades de acesso ao conhecimento, sem cair na armadilha de achar que a tecnologia, por si só, garante liberdade ou justiça.

Para Mezzaroba (2015), a mídia-educação:

[...] tem como ponto central, além da compreensão crítica e participação ativa, a ideia de “processo”, ou seja, que permita às crianças/jovens (principalmente) que desenvolvam suas habilidades críticas e criativas, de forma a receber as informações, buscá-las e também com relação à sua utilização. (Mezzaroba, 2015, p. 202)

5

Nesse sentido, a educação para as mídias consolida-se como campo e prática social fundamentada no diálogo entre comunicação e educação. Sua base epistemológica articula aportes da semiótica, da sociologia da comunicação, dos estudos culturais e da pedagogia freireana, organizando-se em instrumentos analíticos voltados à compreensão das mídias como construções simbólicas, intencionais e socialmente situadas. Como afirma Masterman, mencionado por Fantin (2006, p. 71), a finalidade da mídia-educação é justamente “[...] desmascarar a falsa naturalização das mídias, revelando seu caráter de construção”.

Betti (1998) insere a EF no debate das linguagens midiáticas ao analisar a produção, o consumo e a ressignificação do esporte-espetáculo, defendendo seu papel na formação de sujeitos críticos diante das representações da cultura corporal veiculadas pela mídia. Ao destacar a categoria do “cotidiano”, o referido autor evidencia que o esporte ultrapassa a lógica competitiva e se integra à vida social, assumindo funções simbólicas e ideológicas que o inserem na paisagem habitual da sociedade.

Essa constatação revela que o esporte, ao ocupar o imaginário social, difunde valores e comportamentos que naturalizam determinados ideais de corpo e de saúde, reproduzindo discursos hegemônicos que associam o sucesso individual e a boa forma física à cidadania e ao bem-estar. Mezzaroba e Torri (2016), ao analisarem recortes publicitários, identificam que a produção idealizada do corpo “saudável” segue a lógica do consumo, zona que acentua as inverdades, as desigualdades e as discriminações.

A literatura aponta que a articulação entre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e a formação inicial em EF tem sido recorrente, embora marcada por desafios relacionados à sua efetiva integração pedagógica. Estudos indicam que, apesar da presença das mídias no ensino das práticas corporais, seu uso frequentemente permanece restrito a uma dimensão instrumental, centrada em suportes e recursos, em detrimento de abordagens críticas e formativas (Mendes; Mezzaroba, 2012). Esse cenário evidencia a dificuldade de compreender as TDIC como elementos constitutivos do processo didático-pedagógico.

Em contraponto a essa perspectiva, pesquisas defendem que, quando assumidas como co-agentes do ensino, as TDIC ampliam as possibilidades formativas dos licenciandos, favorecendo a reflexão crítica sobre os conteúdos e potencializando suas dimensões estética e política (Mezzaroba; Zoboli; Moraes, 2019). É nessa direção que se insere o presente relato, ao adotar a produção audiovisual, mediada pela mídia-educação, não como fim em si mesma, mas como prática de leitura, interpretação e produção de sentidos sobre os discursos contemporâneos que atravessam o corpo e a saúde, assumindo centralidade no processo formativo de futuros professores, mobiliando a dimensão da produção, criação e criatividade, com a leitura crítica dos meios.

6

3. PERCURSO METODOLÓGICO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

O percurso metodológico insere-se no âmbito da abordagem qualitativa, que, conforme Goldenberg (2004), é definida pela preocupação do pesquisador com o aprofundamento e a compreensão de um grupo, organização, instituição, etc. Ademais, o relato de experiência (Mussi; Flores; Almeida, 2021) está ancorado nos pressupostos da mídia-educação (Belloni, 2005; Fantin, 2006) como prática social para problematizar conteúdos inerentes à EF.

O relato de experiência configura-se como uma forma de produção de conhecimento que se fundamenta na análise de uma vivência acadêmica e/ou profissional, vinculada aos eixos

constitutivos da formação universitária (ensino, pesquisa ou extensão), tendo como elemento central a sistematização e a descrição da intervenção realizada (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A experiência ocorreu no contexto da disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física”, componente obrigatório do curso de licenciatura em EF da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A turma era composta por aproximadamente 29 (vinte e nove) estudantes, sendo 19 homens e 10 mulheres, com faixa etária estimada entre 18 e 40 anos. Os discentes foram organizados em seis grupos, e as atividades foram desenvolvidas ao longo do semestre letivo de 2025.1, que ocorreu de maio a setembro de 2025. As aulas, em formato presencial, nas terças e nas quintas no período vespertino (das 17:00 às 18:30), foram organizadas de forma expositivo-dialogada, combinando momentos de monitoria síncrona via *Google Meet* com o mestrandos, além de estudos orientados e discussões sobre textos e materiais audiovisuais.

A questão que orientou o estudo foi: como potencializar processos formativos críticos na formação inicial em EF por meio da mídia-educação? Tal problemática decorre da permanência, em muitos contextos formativos, de uma relação transmissiva com o conhecimento, que coloca o(a) estudante em posição passiva. Diante disso, buscou-se promover situações de aprendizagem que envolvessem o uso crítico das linguagens midiáticas, possibilitando a compreensão do ecossistema informacional, de seus discursos hegemônicos sobre a saúde e a apropriação dos conteúdos desenvolvidos ao longo da disciplina.

A partir das discussões teóricas sobre os determinantes sociais da saúde, as práticas corporais e o papel da EF na promoção da saúde, os grupos foram desafiados a elaborar curtas-metragens que representassem, de forma crítica e criativa, fenômenos socioculturais relacionados à temática da saúde no contexto brasileiro. Esta etapa foi o ponto central da proposta, pois incorporou os fundamentos da mídia-educação, compreendida como um campo que ultrapassa o uso instrumental das tecnologias e propõe o desenvolvimento da leitura crítica das mídias, da produção de sentidos e da autoria digital (Belloni, 2005; Fantin, 2006).

O processo de criação dos seis curtas-metragens envolveu diferentes etapas:

- 1) O sorteio das temáticas com base nos livros previamente estabelecidos;
- 2) A escolha da linguagem audiovisual fundamentada nas normativas da Sala de Imagem (SIM)⁷ – documentário, ficção ou animação;

⁷ Sala de Imagem é o espaço destinado à apresentação e à fruição de produções audiovisuais, tais como vídeos, filmes, registros imagéticos e demais materiais visuais, vinculados a pesquisas, práticas pedagógicas, experiências extensionistas ou produções artísticas no campo da EF e áreas afins. Esse espaço tem como finalidade promover a socialização do conhecimento por meio da linguagem imagética, favorecendo leituras críticas, debates e reflexões sobre os conteúdos apresentados, em consonância

- 3) Elaboração do roteiro, do planejamento e das cenas de gravação; e,
- 4) Edição dos vídeos.

Durante as monitorias, coordenadas pelo estágio docente, os grupos receberam orientações pedagógicas voltadas à compreensão das diretrizes da SIM, bem como, ao processo de construção de um curta-metragem. Nessas ocasiões, buscou-se esclarecer as etapas de elaboração do produto audiovisual, desde a definição do roteiro até os aspectos técnicos de gravação e edição, de modo a favorecer a autonomia criativa dos(as) estudantes e a coerência entre o conteúdo teórico e a linguagem midiática utilizada. Assim, a construção dos vídeos foi entendida como prática investigativa e formativa, que instigou os(as) alunos(as) a relacionar teoria, prática e experiência.

Após a produção dos curtas, realizou-se uma sessão de exibição e debate que compunha a segunda unidade avaliativa, na qual cada grupo apresentou o contexto da obra, os principais conceitos e o processo de desenvolvimento dos vídeos. As discussões coletivas possibilitaram identificar o nível de compreensão analítica dos(as) estudantes sobre a relação entre saúde, sociedade e EF, revelando olhares plurais sobre o corpo, a mídia e as práticas sociais e culturais na relação entre mídia e saúde.

Essa proposta didático-pedagógica encontra respaldo em estudos da área da EF que evidenciam o potencial do audiovisual como estratégia formativa. Oliveira *et al.* (2024), por exemplo, destacam o uso de curtas-metragens e do formato cinema-minuto como recursos voltados à problematização de conteúdos da cultura corporal e ao fortalecimento da autoria discente. De modo semelhante, Mezzaroba, Zoboli e Moraes (2019) analisam a incorporação das TDIC na formação de professores de EF, ressaltando a experiência do vídeo-minuto como estratégia que favorece a reflexão crítica, a mediação pedagógica e o protagonismo dos(as) estudantes, com a participação, criação e autonomia.

A análise das produções não se restringiu a critérios técnicos, mas privilegiou aspectos conceituais, reflexivos e expressivos, observando a coerência entre o tema proposto, a abordagem escolhida e as contribuições para a compreensão crítica da saúde como fenômeno sociocultural. Assim, o percurso metodológico constituiu-se como um processo de formação e de mediação pedagógica que aproximou os(as) licenciandos(as) das práticas contemporâneas de

com os princípios científicos, pedagógicos e culturais defendidos pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no âmbito do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE).

ensino mediadas por tecnologias, fortalecendo a autoria, a criticidade e a articulação entre teoria e prática no campo da EF escolar.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS NA RELAÇÃO ENTRE SAÚDE, EF E MÍDIA

A presente seção busca analisar o processo de construção e os resultados formativos decorrentes da produção dos 06 (seis) curtas-metragens elaborados pelos(as) licenciandos(as) em EF. A análise considera não apenas o produto final das obras, mas também os percursos criativos, os desafios técnicos e as aprendizagens construídas coletivamente. Parte-se dos pressupostos da mídia-educação (Belloni, 2005; Fantin, 2006), compreendida como uma prática pedagógica que articula o uso crítico e criativo das linguagens midiáticas à formação cidadã e docente. Nesse sentido, procura-se refletir sobre as potencialidades e os limites dessa experiência como estratégia de ensino no campo da EF e de suas inter-relações com a saúde e a sociedade.

1º GRUPO: NOVOS SABERES E PRÁTICAS EM SAÚDE COLETIVA

O primeiro grupo desenvolveu sua produção audiovisual a partir da obra “Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre rationalidades médicas e atividades corporais”, de Luz (2013). O livro propõe uma reflexão sobre a crise do modelo biomédico e o surgimento de novas rationalidades médicas, destacando práticas de cuidado baseadas em saberes populares, alternativos e corporais. A autora defende uma concepção ampliada de saúde que ultrapassa a mera ausência de doenças, incorporando dimensões emocionais, sociais e culturais, além de reconhecer o corpo como espaço simbólico de cuidado, expressão e sociabilidade.

A partir dessas reflexões, o grupo produziu o curta-metragem “Salu”, inspirado no conceito de salutogênese de Aaron Antonovsky, que se concentra nas origens da saúde em contraposição à patogênese. Com cerca de sete minutos, o vídeo apresenta uma narrativa ficcional sobre três jovens que vivenciam problemas psicossociais relacionados à distorção da imagem corporal, marcados por baixa autoestima, pressão por padrões estéticos hegemônicos e comparação social, resultando em manifestações associadas a transtornos alimentares e perceptivos.

Do ponto de vista pedagógico, a proposta revelou a capacidade dos estudantes em transpor conceitos teóricos complexos para uma linguagem audiovisual acessível e sensível, aspecto central da mídia-educação, que busca integrar o pensamento crítico e a produção criativa

(Belloni, 2005; Fantin, 2006). A escolha pela narrativa ficcional demonstrou esforço de síntese conceitual e de representação simbólica de temas como saúde mental, corpo e práticas corporais, o que reforça a potencialidade formativa da linguagem audiovisual como recurso didático.

De acordo com Mezzaroba e Torri (2016), a insistência da indústria cultural de homogeneizar as massas contribui para a ocorrência de casos de jovens que sofrem *bullying*, onde o corpo é, na maior parte dos casos, objeto de pré-conceituado diante das manifestações dos padrões ideais. Os autores supracitados acrescentam: “Se a indústria cultural dita como esse corpo deve parecer, deve o seu ‘dono’ - já que o corpo nada mais que é objeto -, tomar todas as medidas para que ele se adeque àquilo que é esperado, demonstrando que este precisa ser adestrado até que vicie em ser saudável” (Mezzaroba; Torri, 2016, p. 404).

Entretanto, observou-se certo distanciamento entre o conteúdo teórico da obra de Luz (2013) e a elaboração conceitual do grupo, indicando que, embora a compreensão geral da proposta tenha sido alcançada, faltou uma articulação mais profunda entre os fundamentos da Saúde Coletiva e o enredo desenvolvido. Ainda assim, a produção evidenciou domínio técnico satisfatório, com boa utilização dos recursos didáticos disponíveis e uma construção narrativa coerente. O engajamento coletivo dos(as) alunos(as) e o resultado estético do vídeo destacaram-se positivamente, demonstrando que a experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências criativas e reflexivas, mesmo diante das limitações analíticas identificadas.

10

Figura 01: Fragmento imagético do vídeo do 1º Grupo⁸



Fonte: Canal do Centro Acadêmico de Educação Física (CAEF), no *Youtube*

2º GRUPO: O “MITO” DA ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

O segundo grupo optou pela produção de um documentário inspirado na obra “O mito da atividade física e saúde”, de Carvalho (1995). Na obra, a autora problematiza a crença amplamente difundida de que a prática regular de atividade física garante, de forma direta e

⁸ Para acessar a produção, basta acessar o link: https://www.youtube.com/watch?v=_-2H7IvSOgQ&t=39s.

automática, a saúde. Essa equação simplificada - “atividade física = saúde” - é analisada por Carvalho (1995) como um mito moderno, construído historicamente a partir das políticas de Saúde Pública, das práticas da EF e das concepções hegemônicas de corpo e doença no Brasil.

A autora argumenta que, sob o discurso da promoção da saúde, emergem também lógicas econômicas, midiáticas e de responsabilização individual, que transferem ao sujeito a obrigação de se manter “saudável” segundo padrões normativos e mercadológicos. Assim, a atividade física, em vez de representar apenas uma prática emancipatória, pode se tornar instrumento de controle social e reforço de valores capitalistas, como a produtividade e o consumo.

A partir dessa leitura, o grupo construiu um documentário que buscou evidenciar as implicações do mito da atividade física como sinônimo de saúde. Mesmo não obtendo autorização para divulgação pública do vídeo, a proposta apresentou grande valor formativo. Os estudantes realizaram uma entrevista com uma autoridade do campo, contextualizando a problemática e refletindo sobre as tensões entre o discurso biomédico e as perspectivas críticas da EF.

Entretanto, ao final da exibição, inseriram um segundo vídeo de tom humorístico, no qual se reproduzia, de maneira irônica, a própria lógica hegemônica criticada pela autora, isto é, reforçou-se o discurso simplista e superficial de que a prática de atividade física gera saúde de forma automática e natural. Essa escolha revelou um aspecto interessante da produção: ao mesmo tempo em que o grupo compreendeu o argumento teórico de Yara Carvalho, também expressou, ainda que involuntariamente, as dificuldades de romper com imaginários sociais sedimentados sobre corpo, saúde e performance – reforçados cotidianamente tanto pelo senso comum, como também, pela mídia de forma geral, e também, em parte, por agentes diversos do campo da EF brasileira.

Sob a perspectiva da mídia-educação, tal resultado evidencia o potencial pedagógico do audiovisual como um espaço de negociação simbólica e de reflexão crítica. A produção realizada não se limitou à representação do conteúdo estudado, mas também evidenciou as contradições entre discurso e prática, favorecendo o debate acerca de como os meios midiáticos podem contribuir tanto para a reprodução quanto para a problematização e desconstrução de mitos contemporâneos relacionados ao corpo e à saúde. Ademais, é importante considerar que os(as) professores(as) de EF, em certa medida, também reforçam identidades e aprofundam estereótipos vinculados às temáticas da saúde e da estética, uma vez que são igualmente

produtos de um contexto histórico e cultural que legitima e reproduz tais discursos e práticas (Mezzaroba; Torri, 2016).

3º GRUPO: OS PCN'S E A BNCC: A DISCUSSÃO SOBRE SAÚDE E EF ESCOLAR

Diferentemente dos demais grupos, o terceiro ficou responsável por refletir sobre o tratamento dado à temática da saúde nos documentos que orientam o currículo da Educação Básica — os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados ao final da década de 1990 pelo governo brasileiro, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada entre 2017 e 2018. O grupo se baseou nos volumes do Ministério da Educação (MEC) que tratam especificamente do tema “Saúde” e do componente curricular EF, além da versão homologada da BNCC, de modo a identificar as transformações na abordagem da saúde e suas implicações para o ensino da área.

Nos PCN, a saúde aparece como um dos temas transversais, devendo perpassar todas as áreas do conhecimento. Essa proposta valorizava a interdisciplinaridade e a articulação entre dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, permitindo que a EF se configurasse como espaço privilegiado para a vivência e a reflexão crítica sobre hábitos corporais e práticas de cuidado coletivo. Já a BNCC, reorganiza os conteúdos por competências e habilidades, reduzindo a ênfase nos temas transversais e inserindo a saúde de forma diluída nas unidades temáticas do componente.

O grupo destacou que essa transição entre os documentos representa uma mudança de paradigma curricular: enquanto os PCN explicitam a saúde como eixo articulador da formação cidadã, a BNCC a incorpora de maneira mais funcional, vinculada ao desenvolvimento de competências específicas. Essa mudança, segundo os(as) alunos(as) responsáveis pela organização do seminário e elaboração do vídeo, pode dificultar o tratamento integrado da saúde na escola, deixando-a mais dependente da iniciativa individual dos(as) professores(as) ou de projetos pontuais, como os de promoção da saúde escolar.

A exposição evidenciou clareza conceitual ao contextualizar historicamente os documentos e discutir as tensões entre as dimensões biológica e sociocultural da EF, bem como os desafios de legitimação da área frente à permanência de modelos formativos técnico-instrumentais. Contudo, identificou-se um equívoco ao tratar a saúde como tema transversal na BNCC, quando esta se encontra integrada à cultura da ginástica de conscientização corporal, como conteúdo da disciplina.

Sob a perspectiva da mídia-educação, a proposta audiovisual evidenciou o protagonismo dos audiovisuais nos processos educativos, conforme destaca Fantin (2006, p. 27): “Estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos”. Ancorada nessa compreensão, a produção converteu a discussão documental em narrativa visual didática e reflexiva, articulando entrevistas e vídeos como exercício de leitura crítica de textos oficiais e de formação da consciência crítica sobre as políticas curriculares e a EF.

Figura 02: Fragmento imagético do vídeo do 3º Grupo⁹



Fonte: Canal do CAEF, no *Youtube*

4º GRUPO: CORPO E SAÚDE: REFLEXÕES SOBRE O QUADRO “MEDIDA CERTA”

O quarto grupo foi sorteado com a dissertação de Bezerra (2012), intitulada "Corpo e saúde: reflexões sobre o quadro “medida certa”. A obra realiza uma análise crítica do programa televisivo exibido pela Rede Globo, no Fantástico, e de como ele constrói discursos sobre corpo, saúde e estilo de vida. O autor parte da observação de que o quadro, ao propor transformações corporais em celebridades, reforça valores culturais e ideológicos que associam saúde à boa forma física, à disciplina e ao autocontrole, naturalizando uma visão individualista e moralizante do cuidado de si. Nesse contexto, o corpo é apresentado como um projeto a ser constantemente aperfeiçoado e exibido, convertendo-se em um espetáculo midiático de sucesso pessoal.

Bezerra (2012) analisa que o quadro “Medida Certa” promove uma concepção restrita de saúde, centrada na medicalização, na estética corporal e na responsabilização individual, ao tratar o corpo como máquina de desempenho. Essa abordagem desconsidera determinantes sociais, econômicos e culturais da saúde e reforça uma lógica neoliberal de

⁹ Para acessar a produção, basta acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=5itP3Cfu5mo&t=14s>.

autocuidado, na qual ser saudável associa-se à produtividade, à eficiência e à conformidade com padrões estéticos hegemônicos.

O texto evidencia que o programa mobiliza estratégias típicas da cultura do consumo - como a dramatização de desafios, a valorização de resultados rápidos e o uso de celebridades - para consolidar uma pedagogia midiática do corpo, na qual o corpo saudável se confunde com o corpo belo e o cuidado de si assume contornos de dever moral. Nessa lógica, o quadro atua como dispositivo de poder e normalização, produzindo subjetividades alinhadas ao ideal da performance física como valor social. Mezzaroba e Torri (2016, p. 408) problematizam a recorrência desses discursos e a dificuldade de os professores de EF acompanharem a velocidade de sua propagação: “Há sempre uma dieta nova, um exercício modificado, um blogueiro fitness da moda, um programa televisivo que mostra o “milagre” da transformação corporal aos nossos olhos”

Inspirados por essa leitura, os(as) alunos(as) do grupo optaram por produzir um documentário e, de modo notável, contaram com a participação do próprio autor da dissertação, o que conferiu maior profundidade e autenticidade à análise. O curta-metragem apresentou clareza expositiva e um diálogo articulado com a bibliografia, indo além do texto-base ao incorporar reflexões “foucaultianas” sobre corpo, poder e governamentalidade. A iniciativa de entrevistar o autor demonstrou elevado grau de envolvimento e autonomia intelectual dos estudantes, evidenciando uma postura investigativa e crítica condizente com os princípios da mídia-educação.

Do ponto de vista pedagógico, o trabalho destacou-se por fazer uso da linguagem audiovisual como meio de problematizar representações do corpo na mídia, possibilitando que os(as) estudantes se percebessem também como produtores de discursos. Tal exercício materializou a perspectiva da educação como prática de mediação crítica - na qual o ato de produzir e analisar imagens se torna, simultaneamente, um ato de formação, de leitura cultural e de construção de sentido coletivo.¹⁰

¹⁰ Para acessar a produção, basta acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=v5xx2OHv-Po&t=17s>

Figura 03: Fragmento imagético do vídeo do 4º Grupo



Fonte: Canal do CAEF, no *Youtube*

5º GRUPO: O SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE E AS PRÁTICAS CORPORAIS

O penúltimo grupo optou pela elaboração de um documentário, tomando como referência principal a obra de Jairnilson Silva Paim (2009), “O que é o SUS”, além de artigos relacionados às práticas corporais no contexto da saúde pública. Na obra, Paim (2009) parte do princípio de que o SUS representa não apenas uma política pública, mas um sistema universal e coletivo, resultado do movimento da Reforma Sanitária Brasileira e consolidado pela Constituição de 1988. O autor enfatiza que o SUS é sustentado pelos princípios de universalidade, integralidade, equidade, descentralização e participação social, constituindo um modelo que rompe com práticas assistencialistas e segmentadas do antigo sistema previdenciário (INAMPS), pautado por uma lógica excludente e corporativa.

Ao revisitar o processo histórico de consolidação do SUS, Paim (2009) evidencia que sua criação implicou transformações institucionais, organizacionais e políticas profundas, como a ampliação da atenção básica, a criação das redes de vigilância em saúde e o fortalecimento da descentralização administrativa. No entanto, o referido autor também chama atenção para os desafios estruturais persistentes – subfinanciamento, fragmentação da gestão e avanço da lógica privatista –, que ameaçam a efetivação plena do direito à saúde. Para ele, o maior desafio do SUS é de natureza política: requer a participação democrática e o controle social, além de garantir financiamento e governança capazes de assegurar sua sustentabilidade e coerência com seus princípios fundadores.

Os(as) estudantes iniciaram sua exposição apresentando aspectos biográficos do autor do livro, Jairnilson Paim, e contextualizando historicamente a formação e consolidação do SUS. Trouxeram marcos legais relevantes, como as Leis nº 8.080/90 e nº 8.142/90, que regulamentam

sua estrutura e definem a saúde como direito de todos e dever do Estado. A partir dessa base, o documentário procurou demonstrar o papel do SUS como política de Estado voltada à garantia da vida e à promoção da cidadania, evidenciando conquistas e contradições no processo de implementação do sistema.

Apesar da qualidade do material produzido, observou-se a ausência de conexões mais amplas com outros conteúdos trabalhados ao longo da disciplina, a exemplo da conceituação da saúde e suas ressignificações, o que poderia ter enriquecido a análise e permitido uma leitura mais inter-relacional das políticas públicas de saúde e suas representações midiáticas. O grupo também poderia ter explorado de modo mais profundo os núcleos de atuação interprofissional do SUS, como os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), que constituem importantes espaços de interface entre saúde e práticas corporais.

Do ponto de vista pedagógico e analítico, o curta apresentou uma leitura predominantemente informativa em relação ao Programa Academia da Cidade, com potencial para avançar em uma crítica mais incisiva sobre as narrativas hegemônicas que associam saúde à prática de exercícios físicos. Essa relação, ainda fortemente presente no imaginário social, tende a reduzir a saúde à dimensão biológica e comportamental, negligenciando suas expressões sociais, culturais e históricas. Nesse sentido, a experiência do grupo revela o desafio da mídia-educação em provocar deslocamentos de olhar - transformando o audiovisual não apenas em instrumento de comunicação, mas em ferramenta de leitura crítica da realidade, na qual os sujeitos são convidados a problematizar os discursos e a reconhecer a complexidade que permeia o campo da saúde coletiva.

16

Figura 04: Fragmento imagético do vídeo do 5º Grupo¹¹



Fonte: Canal do CAEF, no *Youtube*

¹¹ Para acessar a produção, basta acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=TmzfqWYr4D8&t=32s>.

6º GRUPO: EXERCÍCIO DA INFORMAÇÃO

O sexto grupo produziu um documentário baseado em vídeos e imagens, tendo como referência a obra “Exercício da Informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa”, de Fraga (2006), que analisa criticamente o discurso contemporâneo do “estilo de vida ativo” e suas implicações políticas, sociais e culturais na relação entre corpo, saúde e atividade física. A partir de referenciais foucaultianos, o autor examina como campanhas públicas, programas institucionais e ações midiáticas (como o Agita São Paulo) produzem saberes e práticas que regulam os comportamentos corporais, naturalizando a atividade física como dever moral e deslocando o cuidado coletivo para a responsabilidade individual.

Fraga (2006) conceitua esse processo como “biopolítica informacional”, na qual os discursos sobre sedentarismo e atividade física funcionam como dispositivos de governo dos corpos, reduzindo a saúde a critérios de eficiência e produtividade. Nesse marco, o corpo é tratado como capital biológico e o exercício físico como instrumento de gestão da vida, operando a normalização e a responsabilização individual, ao mesmo tempo em que sustenta o mercado *fitness* e a indústria do bem-estar.

O autor também observa que a EF se insere nesse processo, uma vez que, muitas vezes, reproduz sem crítica os ideais de corpo saudável e ativo propagados pela mídia e por políticas de promoção da saúde. Ao tratar o sedentarismo como inimigo e a atividade física como remédio, essas práticas reforçam a lógica neoliberal da autogestão corporal e a noção de saúde como produto individual a ser conquistado. Fraga (2009) defende que o papel da EF deve ser o de problematizar essas narrativas, promovendo reflexões sobre o corpo enquanto construção social e histórica e considerando as desigualdades e condicionamentos culturais que determinam o acesso às práticas corporais e à saúde.

O grupo apresentou a obra de forma organizada, demonstrando compreensão do conteúdo ao percorrer seus capítulos. A análise foi enriquecida pelo uso de uma produção audiovisual que problematizou o discurso da culpabilização da vítima, em consonância com a perspectiva de que: “Ensinar sobre as mídias envolve o conteúdo e a forma dos textos midiáticos e a reflexão sobre os contextos sociais em que eles são produzidos e consumidos” (Fantin, 2011, p. 28). Contudo, a apresentação poderia ter sido aprofundada com maior exploração da trajetória intelectual do autor e com o estabelecimento de diálogos com outras obras da disciplina, o que ampliaria as conexões teóricas. Ainda assim, o grupo demonstrou empenho e comunicou com clareza a proposta central do livro.

Figura 05: Fragmento imagético do vídeo do 6º Grupo¹²



Fonte: Canal do CAEF, no *Youtube*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida ao longo da disciplina, orientada pela perspectiva da mídia-educação, evidenciou que o uso das linguagens audiovisuais como estratégia formativa favorece uma ampliação significativa do olhar dos(as) licenciandos(as) sobre os discursos que atravessam o campo da EF, especialmente no que se refere à dimensão do corpo e da saúde com as problemáticas contemporâneas. Ao propor que os grupos produzissem curtas-metragens baseados em obras teóricas, a atividade deslocou a relação tradicional entre leitura e exposição oral, promovendo um processo de investigação, criação e reflexão coletiva que aproximou os estudantes das dimensões culturais, políticas e históricas dos temas abordados.

O percurso evidenciou desafios, sobretudo a dificuldade inicial de compreender o audiovisual como linguagem e prática de pensamento, e não apenas como produto técnico. Embora algo cotidianamente presente na vida dos(as) envolvidos, as tecnologias, quando pensadas no contexto educativo e formativo, revelam dificuldades quanto a todas suas possibilidades e potencialidades.

Nos estágios iniciais, predominou a reprodução das ideias das obras em detrimento da problematização crítica, somada a limitações técnicas relacionadas à roteirização, edição e uso dos recursos de gravação, indicando a necessidade de fortalecer uma cultura pedagógica interpretativa e autoral. Ao mesmo tempo, essas dificuldades evidenciam que a relação dos jovens com os dispositivos tecnológicos, quando estimulados a realizar ações de ordem pedagógica e não apenas como uso comum (comunicação cotidiana, entretenimento, jogos, consumo audiovisual etc.), não são tão naturalizadas ou automáticas como temos nos

¹² Para acessar a produção, basta acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=TRyZPsHWqrY&t=26s>.

acostumado a pensar ao modelo dos “nativos digitais”, clara menção ao texto escrito por Marc Prensky (2012)

Apesar das limitações, as produções audiovisuais evidenciaram potencial formativo ao favorecer diferentes formas de expressão e produção de sentidos, ampliando a compreensão sobre as disputas culturais em torno do corpo, da saúde e da EF. A experiência possibilitou que os(as) estudantes atuassem como produtores de conhecimento, articulando teoria e prática em um processo de pesquisa, criação e reflexão no âmbito da mídia-educação (Belloni, 2005; Fantin, 2006). Dedicar-se a pensar a respeito de uma elaboração audiovisual produz um senso de desafio, que exige leitura, reflexão, pesquisa, produção de roteiro, produção de imagens, articulação entre ideias, textos, imagens e sons, além de pensar com maior cuidado em relação ao ecossistema comunicacional e aos próprios dispositivos tecnológicos e suas possibilidades educacionais e formativas (Mezzaroba, 2015; Mezzaroba, Zoboli, Moraes, 2019; Oliveira *et al.*, 2024)

As discussões emergentes a partir dos vídeos e apresentações mostraram que a mídia-educação não se reduz a um recurso de ilustração, mas constitui um campo de práticas formativas capaz de questionar as naturalizações do discurso sobre o corpo e a saúde. Ao abordar obras como as de Carvalho (1995), Paim (2009) e Fraga (2006), os grupos puderam identificar e tensionar relações de poder, discursos hegemônicos e modelos de racionalidade que historicamente moldam o campo da EF, sobretudo no que diz respeito à medicalização da vida, à culpabilização do sujeito e à lógica neoliberal do autocuidado.

Assim, a experiência de formação revelou-se duplamente significativa: de um lado, apontou os desafios de uma prática pedagógica que demanda autonomia, criticidade e domínio técnico; de outro, reafirmou as potencialidades da mídia-educação como caminho de emancipação cognitiva, estética e política. Produzir conhecimento por meio das imagens é, nesse sentido, também produzir resistência - resistência ao pensamento linear, à pedagogia transmissiva e aos discursos que reduzem o corpo a objeto de controle.

Portanto, as vivências registradas neste percurso permitem afirmar que a integração entre EF e mídia-educação constitui uma via promissora para o ensino superior, capaz de promover aprendizagens mais reflexivas, criativas e socialmente comprometidas. A continuidade dessa proposta demanda a ampliação do tempo de experimentação, a formação docente voltada à leitura crítica das mídias e o fortalecimento de espaços institucionais que valorizem o diálogo entre arte, ciência e educação. Enquanto experiência de estágio docêncio, evidenciou-se o quanto as tecnologias e mídias participam não como meros instrumentos, mas

como elementos intrínsecos às práticas pedagógicas, enquanto elementos culturais da formação em EF.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- BETTI, Mauro. *Janela de vidro: esporte, televisão, educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. *Corpo e saúde: reflexões sobre o quadro “Medida Certa”*. 206f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Natal/RN, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Resolução CFE nº 3, de 16 de junho de 1987. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física. Brasília: Ministério da Educação, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES n. 7, de 31 de março de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em educação física, em nível superior de graduação plena. Brasília: Ministério da Educação, 2004.
- CARVALHO, Yara Maria de. *O “mito” da atividade física e saúde*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- FANTIN, Mônica. *Mídia-educação e a formação do educador*. In: FANTIN, Mônica. *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p. 25-100. 20
- FANTIN, Mônica. *Mídia-educacão: aspectos históricos e teórico-metodológicos*. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011.
- FRAGA, Alex Branco. *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LUZ, Madel Therezinha. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre rationalidades médicas e atividades corporais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MENDES, Diego de Sousa; MEZZAROBA, Cristiano. *Como incorporar a mídia/TICs nas aulas de educação física: uma análise das proposições veiculadas na Revista Nova Escola. Impulso*, v. 22, n. 54, p. 59-72, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/575>. Acesso em: 07 jan. 2026
- MEZZAROBA, Cristiano. *Reflexões sobre a formação de professores, práticas midiáticas e mediações educativas*. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 8, n. 17, p.

191-210, 2015. DOI: 10.20952/revtee.v8i17.4523. Disponível em:
<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/4523>. Acesso em: 8 jan. 2026.

MEZZAROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fabio; MORAES, Cláudia Emilia Aguiar. A utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino das práticas corporais na formação de professores de educação física – experiências na UFS. RTE Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 28, n.3, set./dez., p. 254-275, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/47728>. Acesso em: 07 jan. 2026.

MEZZAROBA, Cristiano; TORRI, Danielle. Saúde, estética, mídia: discussões possíveis à educação física e implicações na formação de professores. Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade, Inhumas, v. 9, n. 3, p. 396-413, 2016. Disponível em: <http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/view/365>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 26 jan. 2026.

OLIVEIRA, Felipe Santos de; BARROS, Joyce Mariana Alves; BATISTA, Alison Pereira; OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Formação de professores de Educação Física e seus diálogos na experiência com a mídia-educação. Motrivivência, Florianópolis, v. 36, n. 67, p. 01-21, 2024.

PAIM, Jairnilson Silva. O que é o SUS. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

21

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 94, p. 58-73, 1995. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/839>. Acesso em: 16 out. 2025.

PRENSKY, M. From digital native to digital wisdom: hopefulessays for 21st Century learning. Thousand Oaks: Corwin, 2012.

SILVA, Renato Izidoro da; ZOBOLI, Fabio; DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; MENEZES, José Américo Santos. Formação profissional em Educação Física: uma análise legal e acadêmica sobre a implementação do ingresso único, formação comum e dupla formação em licenciatura e bacharelado no curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Motrivivência, Florianópolis, v. 37, n. 68, p. 1-22, 2025.